



# O DESPERTAR

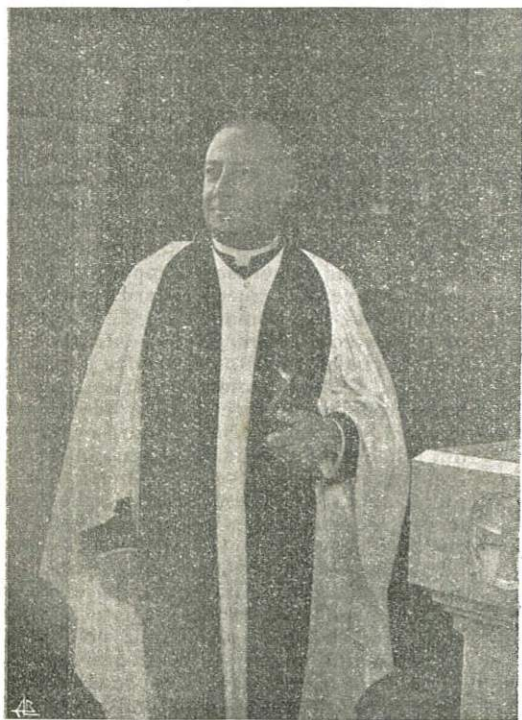
BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA  
Fundado pelo Movimento de Revigoração da Igreja

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactor: J. Soares Carvalho — R. S. Domingos à Lapa, 117-c/v - Lisboa — Administrador: Joaquim P. Cabral-Sto. Ovídio - V. N. de Gaia  
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

## Rev.<sup>mo</sup> António Ferreira Fiandor

Bispo-eleito em 1 de Novembro de 1957



Bispo-eleito António Ferreira Fiandor

«A direcção pessoal (da presidência do Sínodo) caracterizou-se em Fiandor na expansão eclesiástica que se desenha actualmente e em que o presidente se revelou o homem que Deus preparou para as circunstâncias».

Rev. Eduardo Moreira

*A Igreja Lusitana avança a passos lentos, mas firmes. As suas decisões não são ditadas em meros raptos do entusiasmo que alimenta a psicopatia da dúvida, mas na confiança que medicamenta e nutre a verdade. O que nela muitas vezes aparenta doença não passa de um estado febril originado pela luta dos fagócitos tão necessários contra os males que vulgarmente se julgam inofensivos, mas de más consequências. O glorioso trabalho da Igreja de Deus na terra não cabe num ambiente restrito e comezinho, incapaz de uma*

*defesa robusta ou de uma convicta repulsa às consequências erradas desse mesmo ambiente; o trabalho da Igreja de Deus, de que sentimos fazer parte, só progride quando se baseie no mais terso amor, na mais sólida inteligência e na mais fecunda ordem. Amor, na desinteressada manifestação do desejo de auxiliar material e espiritualmente todos os necessitados no corpo e na alma e na integrante comunhão de todos os filhos de Deus. Inteligência, na manutenção da Fé, para a propagação do santo Evangelho de Cristo, na compreensão dos problemas mais complexos e na escolha cuidadosa de ministros ou clérigos, preparados ou com capacidade de preparação; Ordem, na aceitação solidária da jerarquia bíblica dos tempos apostólicos (jerarquia esquecida por tantas igrejas protestantes, que se dizem fundamentadas na Bíblia) e que consiste de Bispos, Presbíteros e Diáconos, devidamente sagrados, ordenados e instituídos. O Livro de Oração Comum, tal como os seus congêneres estrangeiros, é um verdadeiro manual de ordem cultural cristã. O povo é por ele orientado santamente para uma acendrada e digna adoração a Deus, seguindo com o ministro, de almas abertas ao Espírito Santo, o rasto deixado por grandes homens de Deus, nas Escrituras, e em orações, resposos e Credos, nelas baseados.*

*A Igreja Lusitana, que tão denodadamente tem procurado atingir a máxima competência na restauração da antiga Igreja da*

## Reunião do Sínodo-geral da Igreja Lusitana

de 31 de Outubro a 2 de Novembro  
de 1957

O Serviço de Abertura foi um dos mais solenes. A Igreja de S. Pedro, no Largo das Taipas, estava em festa naquela noite, não obstante tudo ter decorrido com o máximo respeito e sentido de responsabilidade da parte de todos os presentes. Festa para nós significa júbilo espiritual com respeito e ordem em proporção directa. O sermão de abertura foi eloquentemente proferido pelo Rev. Josué F. de Sousa Júnior, desenvolvendo o tema «força-os a entrar», em que se referia à aptidão espiritual do cristão, cujo exemplo forçará os exitantes a entrarem no Reino de Deus.

A Sagrada Eucaristia, incluída no programa do Sínodo-geral, foi celebrada às 9 horas da manhã do dia de Todos-os-Santos, pelo Rev.<sup>mo</sup> Presidente do Sínodo, no templo de S. Paulo.

As 10 horas desse mesmo dia, iniciou-se a 1.<sup>a</sup> Sessão de trabalhos, que terminou às 12.30 h. Houve mais três sessões: uma na tarde desse dia e as outras duas na manhã e na tarde do dia seguinte. Cada uma das quatro reuniões sinodais iniciava-se com um momento devocional, dirigido pelo Presidente, e terminava com oração e bênção, geralmente, por S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, o Bispo Nash, que tão pacientemente nos honrou com a sua gentil e respeitosa presença em todos os trabalhos, actuando como valioso consultor nos assuntos mais complexos. De idêntica proficuidade foi a presença do Rev. F. W. Gilpin, que ali representava oficialmente S. G. o Arcebispo de Armagh e S. G. o Arcebispo da Cantuária. As suas sábias opiniões,

# NOTAS E COMENTÁRIOS

## ECCE HOMO

Dizia-me há pouco um amigo: «Onde está o homem capaz de exercer tais funções?» Esta pergunta, repassada de dignidade cristã — porque o cristianismo prático e sério vive principalmente por métodos dedutivos — fez-me lembrar o aforismo de Diógenes, quando, percorrendo as ruas de Atenas com uma lanterna na mão, em pleno dia, dava, aos que lhe perguntavam o que procurava, a seguinte resposta: «Procuro um homem».

Não me repugna, 24 séculos volvidos, acreditar que o sábio Diógenes teria morrido na certeza de que ninguém conseguiria atingir aquela posição ética que ele achava necessária para que alguém se considerasse um *homem*. A lição mímica do filósofo, tão objectiva como irónica, deve, com certeza, ter impressionado muitos dos coetâneos, particularmente aqueles cuja utopia os não envergonhava de se considerarem homens escoreitos. E, enquanto houver homens que pensem, há-de a frase do sábio grego ser ouvida e meditada.

Séculos depois (ironia da História!), será Pilatos o anti-diógenes que clama: *ecce homo*, eis o homem — apontando para Jesus. Coexistem agora, convidando-nos à meditação séria, essas máximas esmagadoras de todos os sistemas do pensamento humano: a de Pilatos, apresentando, na linguagem de Virgílio, o Homem padrão de todos os outros; e a de Diógenes que, no idioma de Homero, mostra, com firmeza, aos pseudo-justos que (além de Cristo) esse *homem* não existe.

Jesus Cristo, o filho da Virgem Maria, é na verdade o Homem cujos actos e palavras o médico S. Lucas, tão eruditamente, receitou às almas enfermas; cuja humildade S. Marcos divinamente aconselhou; cuja realza S. Mateus exaltou; e cuja ansia e dependência de Deus S. João sentiu e incarnou. Para se ser Homem entre os homens não chega ser-se culto: S. Pedro era analfabeto; não basta ser-se velho: S. João era um jovem; não importa pertencer-se às mais distintas famílias: Cristo, pedindo ao publicano Zaqueu para jantar com ele, abençoou-o, e, aceitando o convite do distinto Simão, condenou os seus ímãos pensamentos, enquanto, a seus pés, absolvía uma pobre mulher que chorava o seu pecado. O próprio Cristo nasceu operário.

O homem elegido por Deus será aquele que, na posse dessa bênção, não a usa para conquistar louros efémeros que seu Pai talvez deseje negar-lhe; que não mostra aos companheiros a evidência do suposto valor que o obriga a colocar-se a distância; que não ameaça os seus irmãos, deixando suscitar em si um estado de orgulho que sómente se satisfaz procurando humilhá-los, antes os acompanha no caminho extenuante da vida, trazendo consigo, escondido no peito, um coração maior do que o deles, se o possui. Não foi com orgulho e ameaças que Cristo, pelas ruas da Palestina e de todo o mundo, ofereceu os tesouros infinitos de Deus;

porque as graças divinas transmitem-se em corações abertos à comunhão com Deus e com os homens.

A comunhão com os homens pressupõe não só o entendimento das faltas dos outros, a fim de lhes perdoarmos, mas também, e acima de tudo, o entendimento das nossas próprias faltas, para que os outros no-las perdõem. Pedir sómente perdão a Deus é um sofisma protestante que desvia uma verdade teológica para caprichosamente adaptar ao orgulho mais requintado da sociedade. Cristo, o homem por excelência, é o grande modelo da arte de perdoar. Como ele perdoou aos que desejavam inferiorizá-lo, acoimando-o de «carpinteiro»! Mas, Aquele que até aos trinta anos fora operário, não podia sentir disso vergonha, antes honra, por ter tão humildemente construído o seu carácter entre homens que ainda hoje são modelo de honestidade e justiça. Aos olhos vulgares dos coevos seria notável a disparidade aparente entre ilustres doutores da lei, sem dúvida, descendentes de ricas e bem cotadas famílias, e um jovem educado para ser carpinteiro — assim o pensariam os seus contemporâneos de alta estirpe — profissão que abandonara por ter chegado a hora em que Deus o chamaria para combater a desonestidade, a deslealdade, a ambição, o orgulho espiritual, e tantos outros vícios que inibem o homem vulgar de atingir a posição cristã que lhe conyém e a que Cristo o ajuda a ascender.

Aquele diálogo entre Jesus e os inanes fariseus, talvez doutores da lei, a comparar com S. Lucas, XI, 45, mostra bem como os adversários do cristianismo maliciosamente contestavam as palavras do divino Mestre, quando dizia: «Eu vim a este mundo para julzo, a fim de que os que não vêm vejam, e os que vêm sejam cegos». — Também nós somos cegos? — perguntaram. «Se fosseis cegos, não teríeis pecado; mas, como dizeis que vedes, o vosso pecado permanece». Tinham aqueles audaciosos adversários, sem dúvida, para o grande público, que enfiavam, apresentando-se como mestres de teologia, o múnus mais cobiçado pelos ambiciosos das escolas religiosas. A sua arte despótica brilhava principalmente na discussão com fracas figuras como a que lhes aparentava a do pálido nazareno. Mas o Mestre, que, apesar de tudo, os amava como se fossem amigos, só tinha um caminho a seguir: ensiná-los a sentirem na alma a necessidade de serem humildes, e por isso os faz compreender que ainda não eram mestres, que não passavam de acídios estudantes de teologia, em relação ao Objecto da Teologia — que é o próprio Cristo. Também Pilatos perguntava a Jesus o que era a verdade, tendo-A na sua frente.

Cristo compreendeu os homens e por isso lhes perdoou. Madame de Staël diz que «compreender é perdoar». Será um duplo perdão o do Salvador.

O mal da humanidade continua a nutrir-se na vaidade e na presunção dos que

julgando saber muito, usam atitudes que revelam o ignóbil pensamento de verem só nos outros a ignorância. Que diferença entre esses pseudo-sábios e o desprezível, mas sábio, Sócrates que, sem peias, responde aos seus panegiristas; «Só sei que nada sei».

A lição cristã consiste em podermos afirmar que Jesus perdoa aos doutores da lei e a todos os orgulhosos espirituais. Perdoemos-lhes nós também; e que Deus nos perdoe as nossas faltas.

O cristianismo é a doutrina do perdão divino para os erros humanos. Tolstoy, diz que «o erro é a força que une os homens, porque a verdade só se lhes comunica por actos verdadeiros». Mas, como tudo se pode especular, têm aparecido cristãos cujo cristianismo se resume em duas leis: uma que impõe aos outros só deveres, outra que tudo deve concorrer para os seus benefícios temporais. Será uma nova versão egocentrista da doutrina de S. Paulo aos Romanos (8: 28): *Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que são chamados por Seu decreto*. Exibem, como atenuante, a pobreza, os dons especiais e a idade, na maioria dos casos. Não é raro ouvir-se um homem de meia idade exigir, insensatamente, dos mais jovens e menos autorizados, uma sujeição escravizante, que pretende reduzir a um silêncio estéril os gestos de revolta contra as inconfessadas faltas dos mais velhos, porque o reconhecimento de uma falta exige de novos e velhos uma hombridade respeitosa. Não creio que S. Paulo estimulasse no jovem Timóteo a mínima parcela de desrespeito pelos mais velhos, quando o aconselhava a repreendê-los, ainda que com brandura.

Para o Eterno não contam as insignificantes diferenças de alguns anos na vida dos homens. Contam mais as suas atitudes perante Deus e perante o resto da humanidade; atitudes que alimentem e regenerem, nascidas em corações humildes, honestos e gratos, que se refugiem no conselho do Altíssimo e na protecção com que Ele os agracia.

Dos candidatos a verdadeiros homens exigirá Deus respeito mútuo entre eles, que, logicamente, deve partir primeiro do que primeiro nasceu. É sabiamente que o povo repete: «quem quer ser respeitado, respeite». Esta lei não se aplica só aos de menor idade, aplica-se a todos, e principalmente aos mais velhos com tendências abusivas. Os mais novos respeitam-se, atarinhando-os e mostrando-lhes paternalmente exemplos de lealdade e firmeza de carácter, nunca aguilhando-os ou incendiando-os, esperando, malévola e que eles ardam.

Perante as lições da História e da Vida, resta-nos afirmar, em atitude paralela à de Diógenes, que não há homens perfeitos: todos somos débeis, imitadores de Jesus Cristo, o verdadeiro Homem, cujas virtudes vamos recebendo por entre as faltas de que não podemos libertar-nos, mas que devemos reconhecer e confessar quando tal for oportuno e proficuo a alguém, porque a nós sempre o será.

# PELA IGREJA

## I. do Salvador do Mundo (Prado — V. N. de Gaia)

Têm decorrido animadoramente as actividades desta Paróquia, com a bênção de Deus e sob a direcção dos seus dedicados ministros, Revs. Augusto Nogueira e Dr. Daniel de Pina Cabral.

O primeiro, com os seus 86 anos de idade, ainda sobe, por vezes, ao púlpito, para revelar à Congregação, com a sua palavra autorizada, o testemunho da sua fé e o zelo cristão da sua vida exemplar. O segundo tem desenvolvido grande actividade para que os trabalhos não afrouxem e os vários departamentos da Igreja tornem em realidade os seus planos.

Os trabalhos da Escola Dominical — com uma frequência de cerca de 150 alunos, distribuídos por quatro classes — têm decorrido bastante animados. Depois da anual «Festa das Mães», no salão paroquial, e da «Festa de Encerramento», num pinhal próximo, que resultaram cheias de entusiasmo e alegria, seguiu-se um período de férias, para reatarmos as actividades em 13 de Outubro.

A Escola Diária reabriu também em 7 de Outubro, e, apesar dos esforços financeiros necessários à sua manutenção, confiamos que o Senhor nos permitirá continuar a sustentar este trabalho — legítimo título de orgulho da Obra fundada pelo Rev. Diogo Cassels no Concelho de Gaia, que, com a sua congénere do Torne, tantos serviços tem prestado à Causa da Instrução das classes pobres.

Durante o mês de Setembro tivemos entre nós o seminarista da Igreja Lusitana e membro da Igreja de São Paulo, Sr. Manuel Campos, que teve oportunidade de visitar as casas de alguns dos membros da nossa Paróquia, convivendo com eles num espírito de fraterno amor cristão. Que Deus o guie e oriente na preparação que está procurando obter para melhor servir a Igreja.

Estamos gratos ao Rev. Dr. Luís Pereira, ministro da Igreja de São Mateus, pela sua visita à nossa Congregação, em 13 de Outubro, pregando no culto de manhã um inspirado sermão, bem como a outros ministros e pregadores que nos têm visitado.

Do nosso dever é pôr em realce o dedicado trabalho dos estimados irmãos, obreiros leigos da Igreja Lusitana, Srs. Joaquim de Pina Cabral e Mário Varela, que, num espírito de devotada cooperação, têm coadjuvado os nossos Pastores nos seus impedimentos.

Os departamentos da Igreja, Secção Feminina do Esforço Cristão e Sociedade de Senhoras — o primeiro sob a zelosa orientação da Esposa do nosso ministro auxiliar, Sr.ª D. Anita de Pina Cabral — estão orientando as suas actividades no sentido duma franca cooperação nos trabalhos da festa do próximo Natal, promovida pela Escola Dominical, em que costumam vestir e calçar bastantes crianças pobres, seus alunos.

A Sociedade de Esforço Cristão anexa a esta Igreja, além das suas actividades normais, realizou o seu passeio anual a Viana, Valença e Monção, o qual decorreu

com boa disposição por parte de todos os que nele tomaram parte.

O nosso Grupo de Escuteiros continua a desenvolver as suas actividades, sendo justo destacar a boa colaboração que lhe tem dado o nosso irmão Sr. Arnaldo Couto. Participou na interessante festa de encerramento do ano lectivo da Escola Dominical, no campo, e em outras funções oficiais tem tomado parte, com aprumo e distinção.

## I. de S. João Evangelista (Torne — V. N. de Gaia)

**CONFIRMAÇÕES:** O Rev.º Bispo Nash, que se fazia acompanhar do Rev. Gilpin, da Igreja Anglicana, administrou, quando da sua visita a esta Paróquia, em 12 de Maio, o rito da Confirmação a 43 novos membros.

**CASAMENTOS:** Realizou-se, em 5 de Outubro, o matrimónio da nossa jovem irmã, D. Maria Elvira Schenck Rosa, com o Sr. Eduardo Jesus Timóteo de Carvalho. A noiva é filha dos consagrados membros desta Igreja, Sr.ª D. Girondina R. Schenck Rosa e do Evangelista da I. L., Sr. Luís Filipe Schenck Rosa.

Também em 13 de Outubro se uniram em santo laço de matrimónio a nossa irmã, D. Adozinda Rosa da Silva, com o Sr. Manuel Alfredo Lopes de Passos Ribeiro.

Em ambos os actos foi oficiante o Rev. Pároco, que fez aos noivos interessantes exortações.

Aos nubentes desejamos as maiores felicidades e muitas bênçãos de Deus nos seus novos lares.

**NOTÍCIAS DIVERSAS:** Desde a saída do n.º 20 de «O Despertar», registaram-se nesta Paróquia, 9 baptizados e 1 funeral.

Em 19 de Setembro e em 3 de Outubro tivemos as visitas, respectivamente, do Sr. Manuel Campos, evangelista da I. L., em preparação para o pastorado, e que veio estagiar na Igreja do Salvador do Mundo, e do Sr. Archibald Patterson, dedicadíssimo Missionário e Director da Missão de Uíge, Angola. Pena foi que as assistências aos cultos em que pregaram estes dois obreiros não tivessem sido as que desejaríamos, o que pode atribuir-se ao imprevisto das visitas.

**LIGA DO ESFORÇO CRISTÃO DE GAIA:** Em 23 de Maio, num culto de Acção de Graças, foi comemorado o 54.º aniversário da fundação deste departamento da Igreja, tendo sido orador o nosso irmão, Sr. Dr. José Manuel G. de Pina Cabral.

Em 20 de Junho realizou-se o passeio tradicional, este ano a Caldas de Vizela.

**ESCOLA DO TORNE:** Depois de mais um ano de actividades, é-nos grato registar que, de 113 alunos matriculados, 95 fizeram exames, sendo 66 de passagem e 29 oficiais.

Com uma feição diferente da habitual, realizou-se, durante duas semanas, no mês de Agosto, o anual Bazar de Prêndas, a favor do sustento desta Escola. É com os resultados destes Bazares e dos donativos individuais que se conseguem angariar as receitas que fazem face às grandes despesas com a manutenção desta obra social da Igreja.

## REUNIÃO DO SÍNODO-GERAL DA IGREJA LUSITANA

(Continuação da 1.ª página)

sobre os diferentes problemas que neste Sínodo-geral se levantaram deixam-nos sinceramente gratos àqueles distintos e esclarecidos clérigos, confessados amigos da Igreja Lusitana.

Depois de um minuto de silêncio em homenagem à memória dos membros da nossa Igreja, falecidos nos últimos três anos, e à memória do Rev.º Bispo Stephen E. Keller, seguiu-se um testemunho de agradecimento ao Venerando Conselho de Bispos, ao Comité da «Spanish & Portuguese Church Aid Society» e à Igreja Protestante Episcopal Americana. Saudaram-se a Igreja Espanhola Reformada e a Igreja Episcopal Brasileira. Cumprimentaram-se telegraficamente S. Ex.º o Presidente da República e o Presidente do Conselho.

Na reunião da tarde, precisamente às 19.15, foi, por aclamação, eleito Bispo da Igreja Lusitana, o Presidente do Sínodo, Rev.º António Ferreira Fiandor, que naquela mesma hora escutou como vindo a promessa de fidelidade canónica ao novo Bispo, da parte de Clérigos e de Seculares.

Na manhã de sábado, dia 2, foi, pelo mesmo Sínodo, eleito presbítero o diácono Rev. João Soares Carvalho, dispensado de quaisquer exames de aptidão, em virtude de ter cursado Teologia, com bom aproveitamento, num Colégio Universitário da Igreja Anglicana, em Bristol. 24 horas depois foi o Rev. Soares Carvalho solenemente ordenado, por S. Ex.º Rev.º o Bispo Nash. O sermão alusivo, pregado pelo Rev. Dr. Luís Pereira, sensibilizou os ouvintes até às lágrimas, e no qual o distinguido pregador recordou os fortes laços de amizade que sempre o tinham unido ao ordenando, a quem se dirigiu directamente, aconselhando-o como colega presbítero e como amigo e pai espiritual.

Foi também eleito presbítero para ser ordenado no Norte, em

(Continuação da 1.ª página)

*Península, não deseja abandonar o ritmo tranquilo, mas fecundo, em que tem vivido, preferindo esperar décadas pela vontade clara do Altíssimo a resolver levianamente, só pelos ditames da razão vulgar, os seus magnos problemas. Uma Igreja que descure as aptidões a par das vocações dos seus ministros é uma Igreja traidora dos propósitos apostólicos e tem que por força ser uma Igreja efêmera, embora brilhante. A Igreja Lusitana, compenetrada da sua missão católica e apostólica, é, acima de tudo, uma Igreja evangélica; não «Evangélica» como sinónimo vulgar de «Protestante», mas como perpetuadora das doutrinas dos santos Evangelhos, interpretados, não ad hoc, mas pelo cotejo inteligente com os outros livros canónicos e com os hagiógrafos dos primeiros séculos da Cristandade.*

*Pelos perfis das últimas resoluções sinodais, entendemos, com gratidão, que foi profícua para a Igreja esta longa expectativa, de aparência insensata aos olhos de muitos progressistas religiosos. Esperámos dezanove anos pela eleição a Bispo do presbítero António Ferreira Fiandor. E' muito tempo para as nossas vidas tão curtas, porém a Igreja é de Deus e Deus é Eterno. Foi Ele quem preparou tudo. Estou certo de que D. António Ferreira Fiandor tem motivos para dar graças a Deus por Ele não lhe ter dado há mais tempo o episcopado, preferindo deixá-lo consolidar a sua viva dedicação à Igreja que agora governa com autoridade.*

17 do corrente, o diácono Rev. Vidal V. dos Santos.

Dos muitos outros assuntos discutidos nas reuniões de trabalhos, salientaremos o interessante e valioso relatório da Comissão de Revisão do Livro de Oração Comum, à qual foi dada autoridade para continuar nos seus trabalhos, sob a direcção do Rev.º Bispo-eleito.

Discutiu-se a razão da inexplicada falta de publicação da «Ecclesia», dando o seu director conhecimento ao Sinodo de que a falta fora somente devida à partida deste mundo do seu dedicado administrador, Comand. Pina Cabral, que não teve quem o substituisse nesse cargo tão exigente de tempo e dedicação. Ficou O Sinodo encarregado de encontrar alguém que possa e queira administrar a Revista.

Foi também proposto que «O Despertar» se torne órgão oficial da Igreja Lusitana, como boletim de informação e doutrina, ficando o assunto entregue ao Rev.º Presidente do Sinodo para o tratar com o nosso Director, Dr. Leopoldo de Figueiredo (cuja falta muito sentimos neste Sinodo-geral). Por sugestão do Rev. Gilpin, o artigo de fundo passará a ser exclusivamente reservado à mensagem episcopal do Rev.º Fiandor.

No Serviço Solene de encerramento do Sinodo, na Igreja de S. Paulo, pregou um sermão histórico e revigorador, sobre a Igreja Lusitana, o Rev. Agostinho Arbiol.

*Quantos teriam nestes últimos anos desanimado e até suposto terem méritos para erguerem a Igreja; mas Deus é quem orienta e prepara os ânimos e escolhe os homens para continuarem a Obra do Seu Filho. Aos desanimados também Deus preparou neste momento solene, para que sentissem a sua bênção descer sobre o Seu servo Fiandor e o aclamassem Bispo, «pastor pastorum». O ar encheu-se de solenes promessas de fidelidade, da parte de Clérigos e de Seculares; sentiu-se a influência espiritual da gratidão que saía dos corações dos presentes, porque Deus visitou a Sua Igreja com favor. Houve lágrimas de comoção em faces de jovens e de anciãos, harmonizando-se tudo como num canto perfeito que dizia: Temos um Bispo!*

*O Rev.º Fiandor, que nunca pregou outros princípios que não fossem os que hoje vive, aderiu ainda muito jovem à Igreja de que agora Deus o fez Prelado. Coursou Teologia com o Rev. Dr. Harden (que foi depois Bispo de Tuão, na Irlanda) de 1903 a 1907. Foi instituído em 1908 e ordenado em 1911, por S. G. o Arcebispo de Armagh, Lorde Gregg. Distinguuiu-se como Redactor do periódico interconfessional «Luz e Verdade» e tem colaborado em vários jornais religiosos e seculares. Por morte do Rev. Diogo Cassels (1923), sucedeu-o na direcção e no professorado das*

*Escolas do Torne (nessa altura, Primárias, diurnas e nocturnas, Liceais e Técnicas) e no pastorado da Igreja de S. João Evangelista, cargos em que desveladamente pôs todo o seu coração, toda a sua vida. Dizer-se hoje em Vila Nova de Gaia que se é amigo do «Sr. Fiandor» (com que carinho eles pronunciam este nome!), é encontrar amigos.*

*D. António Ferreira Fiandor é o nosso 5.º presidente do Sinodo e o 2.º Bispo-eleito português, facto que nos dá a grata oportunidade de aqui recordarmos a saudosa quão valiosa figura episcopal de D. Joaquim dos Santos Figueiredo. A este ilustre Prelado deve também a Igreja Lusitana toda a personalidade e toda a disciplina com que se nutriu nestes dezanove anos que nos separam da sua partida deste mundo.*

*Demos graças a Deus pela dádiva destes dois homens que Ele separou para governarem a Igreja Lusitana e oremos para que S. Ex.ª Rev.ª, o actual Bispo-eleito, mantenha a constância da sua actividade na expansão do Reino de Deus, com o mesmo calor com que o tem feito, e que continue a arrancar do nosso peito enfermo o carinho que lhe devemos por uma tão grande dedicação na Obra para que Ele nos escolheu a todos.*



Bispo-eleito Joaquim dos Santos Figueiredo